do grupo, é a sensação de superioridade, dentro do universo adolescente, sensações essenciais.

Essa característica do jovem para a competição vai além das questões de vitória, mas na socialização, no espírito de colaboração, a vida em comunidade e a necessidade em comum de estabelecer e respeitar regras.

Apesar do elemento de tensão na competição que coloca a prova as qualidades do jogador, sua força e tenacidade, sua habilidade e coragem, sua lealdade, e do seu desejo de ganhar, as regras, livremente consentidas, são absolutamente obrigatórias e deverão sempre ser respeitadas, pois

menor obediência priva o jogo de seu caráter próprio de tudo e qualquer valor "...pertence à esfera do jogo que as regras sejam respeitadas, que o jogo seja jogado lealmente". Huizinga, pag.58



escola.educacaofisica.com.br

Antes mesmo do indivíduo utilizar a fala para sua comunicação, o lúdico faz parte do cotidiano, da maneira de comunicar-se e relacionar-se afetivamente com o universo.

Observar, conhecer, respeitar histórias, etapas de desenvolvimento, entender que a ludicidade, os jogos e brincadeiras fazem parte do universo da criança e adolescente é com certeza parte da receita de uma educação feliz e saudável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

BELÉM, Simoni Maria dos Santos, Psicomotricidade Escolar: Wak: 2011.

Ferreiro, E. Teberosky, A Psicogênese da Língua Escrita, Posto Alegre, 1999: Artmed.

Huizuiga, Joan. Psicomotricidade Escolar, Rio de Janeiro: Wak, 2011.

Talle, Y; oliveira, M; Dantas H. Piaget, Vigotsky, Wallon: Teorias psicogenéticas.

Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil, 1998: escolaeducacao.com.br

IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

MARCIA REGINA PEREIRA COELHO

RESUMO:

Introdução: O potencial da afetividade como elemento facilitador da aprendizagem tem sido bastante discutido. A importância da afetividade tem sido destacada pelas principais teorias do campo da Psicologia e, atualmente, há um consenso quanto a ser ela um elemento motivador da aprendizagem, o que faz com que seja valorizada tanto no contexto familiar quanto no escolar. Objetivo: Este trabalho tem como objetivo discutir a importância da afetividade na aprendizagem e desenvolvimento na Educação Infantil. Método: Foi realizada uma revisão bibliográfica nas bases literárias (SCIELO) e Google Acadêmico. A seleção dos artigos foi feita utilizando os descritores: Educação; Afetividade; Desenvolvimento Infantil. Foram selecionados somente artigos dis-

poníveis na íntegra na língua portuguesa. Considerações Finais: A importância da afetividade como elemento facilitador da aprendizagem vem se afirmando no debate educacional, o que pode ser considerado um avanço no sentido da superação de uma pedagogia que, ao se basear em uma abstração dos educandos, era responsável por grande parte do fracasso escolar. O destaque atual dado aos elementos subjetivos presentes na aprendizagem pode ser considerado um importante instrumento da educação inclusiva.

Palavras-chave: Educação. Afetividade. Desenvolvimento Infantil.

1 INTRODUÇÃO

O papel que a afetividade ocupa na aprendizagem e no desenvolvimento dos indivíduos constitui um tema que vem sendo amplamente discutido. Neste trabalho, buscou-se apresentar tal discussão no que se refere à Educação Infantil, etapa da escolaridade que, no Brasil, atende crianças de zero a cinco anos de idade.

O apego às pessoas, a necessidade intensa do outro, são características marcantes presentes nas crianças pequenas, o que torna o afeto um importante componente a ser investigado quanto às suas influências sobre o aprendizado e desenvolvimento desses sujeitos. Além disso, sua afirmação como elemento positivo na aprendizagem tem estabelecido um contraponto em relação à hegemonia que os processos racionais exercem sobre os emocionais no âmbito da educação formal, o que implica na necessidade de estudos buscando delinear com precisão o papel exercido pelo afeto na aprendizagem e desenvolvimento.

Atualmente, a Educação Infantil integra a Educação Básica brasileira, o que torna, no contexto brasileiro, os modos pelos quais as crianças avançam do ponto de vista cognitivo um objeto ainda mais importante de investigação científica. Acresce-se que o direito à Educação, considerado um dos direitos humanos fundamentais, vem sendo amplamente valorizado nas diversas instâncias da sociedade, o que faz das investigações sobre a aprendizagem escolar um tema de grande relevância.

Desse modo, este trabalho teve por objetivo discutir as formas pelas quais a afetividade atua na aprendizagem e no desenvolvimento na Educação Infantil. Trata-se de pesquisa bibliográfica que, segundo GIL (2007), é elaborada com base em material já publicado com o objetivo de analisar posições diversas em relação a determinado assunto. Sua principal vantagem, segundo esse mesmo autor (GIL, 2007, p. 45), "reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço".

A pesquisa foi realizada nas bases literárias Scientific Online Library (SCIELO) e Google Acadêmico. A seleção dos artigos foi feita utilizando os descritores: Educação; Afetividade; Desenvolvimento Infantil. Foram selecionados somente artigos disponíveis na íntegra na língua portuguesa.

Desta forma, este trabalho aborda,

inicialmente, o conceito de afetividade. Este foi apresentado e destacada sua importância para a alguns teóricos do desenvolvimento. Em seguida, foram levantadas as características das crianças em fase de Educação Infantil, em seus aspectos motor e cognitivo. Foi também apresentado o conceito de afetividade na legislação educacional brasileira, sua concepção de acordo com a Pedagogia Tradicional e com as novas tendências do pensamento pedagógico. Finalmente, analisou-se alguns trabalhos que abordaram especificamente a afetividade em sua relação com o desenvolvimento cognitivo das crianças.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A afetividade

2.1.1 Conceito

O conceito de afetividade está associado ao verbo afetar, que significa tocar, influenciar, conduzir para algo. Do ponto de vista das relações humanas, portanto, vincula-se às emoções provocadas em alguém que levam à ação (TASSONI, 2013). Assim, a afetividade constitui uma marca importante das relações humanas.

Na secular concepção dualista do ser humano, a afetividade ocupa lugar em uma dimensão muitas vezes considerada não passível de investigação científica: a emoção, que se oporia à razão. Desse modo, em virtude do histórico domínio hierárquico da razão sobre a emoção, a afetividade ficou por muito tempo relegada a um plano secundário no campo educacional (LEITE, 2012).

A importância da afetividade, contudo, tem sido destacada pelas principais teorias do campo da Psicologia. O psicólogo francês Henri Wallon (1879-1962), neste sentido, buscou demonstrar o papel que ela desempenha no processo de desenvolvimento da personalidade. De acordo com o princípio walloniano de ambivalência dos sentimentos, os comportamentos considerados inadequados são decorrentes de uma vida afetiva desequilibrada, devendo ser enfrentados com comportamentos contrários (FERREIRA; ACIOLY-RÉGINER, 2010).

O pensador russo Lev Vygotsky (1896-1934) também se preocupou em interpretar o fenômeno da afetividade. De acordo com este autor, não é possível compreender o pensamento humano sem levar em conta sua base volitivo-afetiva (ARANTES, 2003).

Um importante aspecto da teoria de Vygotsky sobre a afetividade é que, para este pensador, ela é uma construção social: não há sentimento que não seja mediado pela cultura, o que não significa, entretanto, negar sua base biológica. Assim, Vygotsky trouxe uma nova perspectiva de olhar para os mecanismos psicológicos da aprendizagem, ao considerar o indivíduo em sua dimensão concreta. Este pensador pretendeu realizar síntese do homem como ser biológico, histórico e social, considerando-o como ser inserido na sociedade (ARANTES, 2003).

O biólogo e psicólogo suíço Jean Piaget (1896-1980) também abordou a temática da afetividade. Em sua obra “a formação do símbolo na criança”, de 1945, o autor defendeu a ideia de que há uma correspondência entre o desenvolvimento afetivo e o desenvolvimento cognitivo.

Segundo SOUZA (2003, p. 60), "ao defender a tese da correspondência entre desenvolvimento afetivo e cognitivo, o autor busca elementos centrais quanto à afetividade, equivalentes ao desenvolvimento da inteligência, tais como esquemas e operações".

Desse modo, para Piaget, a afetividade parte de sentimentos instintivos e evolui em etapas até chegar aos sentimentos normativos, que corresponderiam ao estágio cognitivo operatório (SOUZA, 2003).

Observa-se, assim, que a afetividade tem sido considerada um importante elemento no processo de desenvolvimento do pensamento, seja porque, conforme apontou Piaget, ela é regida pelo mesmo mecanismo que rege a evolução da capacidade cognitiva, seja porque ela interfere diretamente em tal evolução.

2.1.2 Afetividade na visão dos autores clássicos

A importância da afetividade no desenvolvimento e aprendizagem infantis tem sido constantemente afirmada, desde os trabalhos de autores clássicos como Piaget, Wallon, Vygotsky, entre outros, os quais colocaram em evidência, de distintos modos, como os aspectos emocionais interferem no desenvolvimento cognitivo. As pesquisas realizadas por autores como os acima citados questionaram uma das assertivas básicas da Pedagogia Tradicional, que interpretou os elementos emocionais como fatores dificultadores do aprendizado.

Tal concepção está presente nas discussões atuais sobre o papel da afetividade na aprendizagem, havendo um consenso quanto a ser ela um importante componente facilitador das aprendizagens na Educação Infantil. Assim, a afetividade foi considerada por Gomes (2013) como um fator de motivação para agir e pensar sobre os objetos; a socialização das crianças nas escolas, que implica no desenvolvimento da afetividade, foi vista como um elemento favorável à construção de conhecimentos por Jesus e Lempke (2015); Sarmento (2010) e Alencastro (2009) foram incisivos quanto à evidência da importância do afeto na Educação Infantil. Para Sarnoski (2014), o afeto é importante porque aprender não envolve apenas aspectos cognitivos, mas também intuição, criação e imaginação.

Em face desse consenso, alguns autores buscaram pontuar algumas decorrências pedagógicas da consideração do valor da afetividade na aprendizagem infantil. Assim, Carvalho (2014) apontou para o risco de o discurso do afeto ser superdimensionado pelos professores. Este autor afirmou que, em função de fatores relacionados à formação profissional, muitos docentes transformam a afetividade em sua única ferramenta de trabalho, desconsiderando a importância das habilidades técnicas exigidas ao exercício competente da profissão. Conforme foi possível observar na revisão da literatura, esse risco já havia sido apontado por Freire (2002), que, ao acentuar a importância de uma educação afetiva, alertou para a necessidade de apropriação de conhecimentos científicos pelos educadores.

Outro aspecto importante, quanto às metodologias que levem em conta a afetividade, foi ressaltado por Brust

(2009). Para este autor, a Pedagogia Tradicional, ao acentuar a importância da autoridade do professor, deixou de observar que esta não está em contradição com o desenvolvimento do afeto. Por isso, do ponto de vista metodológico, há que se unir afetividade e autoridade.

A criação de ambientes pedagógicos propícios ao desenvolvimento da afetividade, como recurso metodológico, foi mencionada por Sarmento (2010) e Nunes (2009). Para Sarmento (2010), o desenvolvimento de habilidades cognitivas se faz melhor em ambientes afetivos, que valorize as aquisições dos alunos e que trabalhe em torno de objetivos comuns elevados. Concordando com essa perspectiva, Nunes (2009) considerou imprescindível a criação de ambientes propícios ao desenvolvimento emocional.

2.2 As características das crianças da Educação Infantil

2.2.1 Características do desenvolvimento motor

As crianças que frequentam a Educação Infantil possuem características específicas tanto no que se refere aos aspectos do desenvolvimento motor quanto ao seu estágio cognitivo (SILVEIRA; GOBBI; CAETANO, 2005).

Ao longo de sua existência, o indivíduo passa por diversas mudanças de ordem corporal, que modificam sua interação com o ambiente. Seus movimentos vão se aprimorando, tanto em função das mudanças quantitativas (aumento da estatura, da massa etc.) quanto daquelas relativas ao aprendizado e aquisição / melhoria de funções. Este processo caracteriza o desenvolvimento (SILVEIRA; GOBBI; CAETANO, 2005).

Portanto, no decorrer da vida há um permanente processo de ajustamento, compensação e mudança, sem o qual não seria possível melhorar ou manter a habilidade. Na infância, a maior capacidade de controlar movimentos acarreta diversas mudanças comportamentais: as crianças podem controlar seu corpo em diferentes posturas e mobilizar uma diversidade de formas de locomoção. De acordo com SILVEIRA, GOBBI E CAETANO (2005, p. 60), “a base para habilidades motoras globais e finas é estabelecida neste período, sendo que as crianças aumentam consideravelmente seu repertório motor e adquirem os modelos de coordenação do movimento essenciais para posteriores performances habilidosas”.

Dessa forma, o estudo do desenvolvimento motor conforme as etapas da vida humana (infância, adolescência etc.) é de grande importância. E em cada uma dessas etapas, há fases distintas, que devem ser identificadas quando se trata de propor mecanismos pedagógicos que auxiliem a evolução do corpo (ROSA NETO, 2002).

Ainda no que se refere ao aspecto motor das crianças entre quatro e cinco anos e onze meses, Paim (2003) observou que é nessa faixa etária que ocorre o desenvolvimento motor mais significativo. As crianças de quatro a seis anos encontram-se na fase de desenvolvimento das habilidades motoras básicas e os movimentos essenciais são considerados verdadeiros núcleos cinéticos.

Esta capacidade para movimentar-se com maior autonomia está associada

a fatores como: maturação neurológica; crescimento corporal, disponibilidade em realizar atividades motoras. À medida que se dá o desenvolvimento motor, as crianças demonstram grande necessidade de realizar movimentos e obtêm grandes progressos nas habilidades motoras gerais (VEIGA; CASTELEINS, 2003).

2.2.2 Características do estágio cognitivo

Do ponto de vista cognitivo, a criança na fase da Educação Infantil se encontra naquele estágio denominado pelo psicólogo suíço Jean Piaget como "estágio pré-operacional". Segundo ANTUNES (2012, p. 48) nessa fase as crianças "podem pensar em símbolos, mas ainda não podem usar a lógica. Podem imaginar objetos, pessoas ou eventos independentemente de sua presença física".

O estágio pré-operacional é assim, o estágio em que, de acordo a teoria piagetiana, a criança se apropria da linguagem, o que acarreta mudanças significativas em aspectos cognitivos, afetivos e sociais da criança, graças aos contatos interindividuais. Nesta fase, o egocentrismo ainda não foi superado, e a criança manifesta uma compreensão desequilibrada da realidade, recorrendo a explicações animistas (ANTUNES, 2012).

No decorrer deste período, a linguagem vai deixando de ser representativa para assumir configurações socialmente convencionais. A criança apresenta tanto a linguagem socializada- aquela linguagem intencionalmente com fins de comunicação – como uma linguagem egocêntrica – aquela que não necessita de um interlocutor, pois não possui a intenção de comunicação. Quanto menor a criança, mais se destaca a linguagem egocêntrica em relação à linguagem socializada.

2.3 Afetividade e Legislação Escolar

A importância da afetividade do contexto escolar encontra-se, atualmente, afirmada em documentos oficiais voltados à organização do ensino. Segundo os Parâmetros Curriculares

Nacionais (BRASIL, 1997, p. 98), "os aspectos emocionais e afetivos são tão importantes quanto os cognitivos, principalmente para os alunos prejudicados por fracassos escolares ou que não estejam interessados no que a escola pode oferecer".

Essa mesma lei (BRASIL, 1997) define que a Educação Infantil deve ser oferecida em creches ou entidades equivalentes, para crianças de zero a três anos de idade, e em pré-escola para crianças de quatro a cinco anos de idade. A Educação Infantil é um direito público subjetivo, e a matrícula das crianças, a partir dos quatro anos de idade, tornou-se obrigatória pela Lei 12796 / 2013 (BRASIL, 2013).

Nesta etapa da escolarização, deve ser dado destaque aos elementos lúdicos que favoreçam a aprendizagem. O documento Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010) define algumas linhas que devem nortear essa etapa do ensino. Os eixos propostos em tal documento têm por objetivo garantir experiências baseadas em interações e brincadeiras.

Assim, as instituições de Educação Infantil devem elaborar a sua proposta pedagógica visando o desenvolvimento integral das crianças, respeitando sua diversi-

dade e suas especificidades. No contexto de tal desenvolvimento, a afetividade ocupa um lugar importante.

2.4 Afetividade na visão da Pedagogia Tradicional

Atualmente, há um consenso quanto a ser a afetividade um elemento motivador da aprendizagem, o que faz com que ela seja valorizada tanto no contexto familiar quanto no escolar. Entretanto, durante muito tempo, em função da hegemonia da Pedagogia Tradicional, a afetividade foi relegada a um papel secundário no plano educacional.

Essa Pedagogia considera os educandos meros receptores dos conhecimentos, que os assimilarão de acordo com seu esforço e capacidades individuais. Por isso, o ensino tradicional se desenvolve através de exercícios repetitivos e uniformes, que não consideram as diferenças individuais dos alunos, ou seja, as crianças são vistas como idênticas aos adultos do ponto de vista de suas capacidades cognitivas. Dessa forma, a afetividade não é considerada como importante, para essa Pedagogia, do ponto de vista do aprendizado (LIBÂNEO, 2006). Para a Pedagogia Tradicional, o mundo é algo pronto que precisa ser assimilado; por isso, o ensino deve se reduzir a um processo de transmissão de ideias previamente selecionadas e organizadas e a relação professor-aluno deve ser uma relação vertical que pressupõe o permanente controle dos professores sobre todas as etapas do processo. A didática, então, limita-se a "dar e tomar a lição". Em função disso, os aspectos relacionados à motivação, como a afetividade, não são levados em conta pela Pedagogia Tradicional (LIBÂNEO, 2006).

2.5 Afetividade nas novas concepções pedagógicas

Com o passar do tempo, o modelo escolar propugnado pela Pedagogia Tradicional vai mostrando sinais de esgotamento, a partir da crítica de diversos pensadores que conformam o chamado "escolanovismo" (SAVIANI, 2003).

Os pensadores dessa nova corrente passam a defender que a escola tem por função preparar os indivíduos para a adaptação ao meio social, através da aquisição dos conhecimentos socialmente acumulados. A diferença, entretanto, é que, enquanto na tendência tradicional a atividade pedagógica tem o professor como centro, os novos pensadores colocam o aluno neste lugar, o que faz o escolanovismo valorizar atividades como pesquisas, estudos do meio, solução de problemas e o interesse do aluno como elemento desencadeador das atividades pedagógicas. É neste contexto que a afetividade passa a ser vista como elemento importante no processo de ensino e aprendizagem (LIBÂNEO, 2006).

2.6 Afetividade e desenvolvimento cognitivo das crianças

Gomes (2013) observa que a afetividade representa um fator de motivação para agir e pensar sobre os objetos. O adulto chama a atenção da criança para os objetos de modo afetivo, com vistas a oportunizar experiências de aprendizagem, advindo daí a grande importância da presença da afetividade no processo educacional.

Para explicar essa relação entre afetividade e aprendizagem, Gomes (2013,

p. 514) recorre ao processo de aprender a andar: “quando a criança é incentivada e reforçada por aqueles que estão ao seu redor, ela vence o medo de cair e consegue, pouco a pouco, dominar seu próprio corpo e aumentar o poder sobre si mesma”. Portanto, a afetividade atua como motivação para a ação e, por esta via, para a aprendizagem.

A afetividade, portanto, tem sido referida como fator de motivação para a aprendizagem. Na visão de Gadotti (2007), não há, inclusive, como separar cognição e afetividade: todo ato cognitivo parte de algum interesse do sujeito que conhece em relação ao objeto a ser conhecido. Tal interesse pode representar desse a satisfação de uma necessidade fisiológica imediata ou um desejo de reconhecimento.

Entretanto, Freire (2002) alerta que a Educação, embora não possa prescindir da afetividade, precisa ser uma prática rigorosa do ponto de vista metodológico e científico. Assim, o consenso quanto à necessidade da presença da afetividade nas relações pedagógicas não deve levar à conclusão de que os problemas de aprendizagem possam ser resolvidos de forma intuitiva e a partir, exclusivamente, da benevolência dos educadores.

A este respeito, ao criticar a “pedagogia do afeto” que se desenvolveu a partir do início do século XX e que tem em Gabriel Chalita um de seus principais expoentes, Stein (2007, p.

111) alerta para o risco de que “questões de afetividade começam a se sobrepor à própria construção do conhecimento”.

A família representa o primeiro ambiente no qual ocorrerão as relações afetivas da criança. A família é, assim, a primeira fonte da afetividade, e a relação entre pais e filhos é de tamanha importância que, segundo Mondin (2005, p. 133), “não há outro tipo de relacionamento no qual o ser humano se coloque de forma irrestrita e contínua à disposição do outro”.

Mas os padrões de interações familiares são variados, envolvendo distintos tons emocionais, formas de exercício da autoridade, quantidade e qualidade da comunicação, entre outros aspectos. Desse modo, a afetividade e varia no contexto familiar e, ao chegar à escola, as crianças apresentam uma grande variedade sob este ponto de vista (MONDIN, 2005). Crianças em idade pré-escolar já conseguem criar relações afetivas com seus colegas, o que faz com que as amizades sejam, a partir daí importantes para o seu desenvolvimento. Mas estas amizades distinguem-se daquelas estabelecidas pelos adultos, já que, no caso das crianças, há a dependência da proximidade física e da preferência por esta ou aquela atividade. Cabe nesta fase ao educador realizar intervenções no sentido de desenvolver positivamente a afetividade presente nas relações referidas. O afeto do próprio educador é aí fundamental, já que, segundo Mondin (2005, p. 133), “educar com afeto é tanto ou mais importante do que educar com todos os meios e recursos pedagógicos ideais, para um adequado desenvolvimento das crianças”.

Desse modo, a presença da afetividade nos processos de desenvolvimento cognitivo das crianças vem sendo repetidamente afirmado por diversos autores. Carvalho (2014) ressaltou, entretanto, a

importância de o discurso do afeto ser desnaturalizado, uma vez que ele é, na visão deste autor, um produto discursivo dos próprios professores, muitos dos quais passam a ver no afeto seu único recurso de trabalho.

Nunes (2009) colocou em pé de igualdade o desenvolvimento da afetividade e o desenvolvimento dos conceitos, o que coloca para o professor o desafio de criar metodologias acolhedoras e ambientes propícios ao desenvolvimento emocional.

Segundo Jesus e Lempke (2015, p. 313), "o processo de aprendizagem é influenciado positivamente pela socialização das crianças". Neste sentido, os autores destacam a importância do desenvolvimento da empatia, ou seja, da capacidade de se relacionar com os outros, colocando-se em seu lugar, o que favorece a qualidade dos relacionamentos. As interações sociais positivas contribuem para a aprendizagem seja como processo de construção das relações sociais, seja como fonte de transmissões educativas e linguísticas.

Quando os alunos apresentam dificuldades de aprendizagem em função de bloqueios psicológicos, a escola deve refletir sobre como o meio extraescolar influencia seu desenvolvimento cognitivo nos casos em questão. Neles, a importância da afetividade para a aprendizagem é evidente, uma vez que ela afeta todas as relações sociais do indivíduo (ALENCASTRO, 2014).

Brust (2009) destacou que a manifestação da afetividade pelos professores é necessária para que as crianças pequenas busquem a aprendizagem e o interesse pelos estudos por iniciativa própria. Para este autor, não há contradição entre afabilidade e autoridade em sala de aula, e a presença do afeto contribui para a criação de um ambiente seguro, no qual os alunos constroem uma autoimagem positiva e participam efetivamente das atividades propostas.

Sarmento (2010) também ressaltou a não contradição entre afetividade e imposição de regras e limites. Para este autor, o desenvolvimento de habilidades cognitivas se faz melhor em ambientes afetivos, que valorize as aquisições dos alunos e que trabalhe em torno de objetivos comuns elevados.

Sarnoski (2014) observou que a afetividade, na Educação Infantil, é importante porque aprender não envolve apenas aspectos cognitivos, mas também intuição, criação e imaginação. Por isso, as crianças devem ser estimuladas a perderem o medo de errar, pois o erro é a principal ferramenta da aprendizagem.

3 CONCLUSÃO

Após a consulta à literatura, concluiu-se que, atualmente, há um consenso quanto ao fato de que a afetividade representa um elemento facilitador do desenvolvimento cognitivo e da aprendizagem. Entretanto, conforme alguns autores apontaram, corre-se o risco de se supervalorizar os aspectos afetivos da aprendizagem, desconsiderando-se, assim, importantes habilidades exigidas ao exercício do Magistério.

A importância da afetividade no desenvolvimento e aprendizagem das crianças vem se afirmando no debate

educacional, o que pode ser considerado um avanço no sentido da superação de uma pedagogia que, ao se basear em uma abstração dos educandos, era responsável por grande parte do fracasso escolar. Desse modo, o destaque atual dado aos elementos subjetivos presentes na aprendizagem pode ser considerado um importante instrumento da educação inclusiva.

Ao ressaltar a importância da afetividade para a aprendizagem, os autores consultados apontaram para a exigência de a Educação formal realizar uma profunda reflexão acerca de seus processos internos, uma vez que esta é herdeira da visão que relegava ao segundo plano os aspectos emocionais envolvidos na aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ALENCASTRO, C.E. As relações de afetividade na Educação Infantil. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

ANTUNES, C. Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências. Petrópolis: Vozes, 2012.

ARANTES, V.A. Apresentação. In: Arantes VA (org.). Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC / SEB, 2010.

BRASIL. Presidência da República. Lei 12.796, de 4 de abril de 2013. Altera a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Brasília:

Casa Civil, 2013.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Secretaria de Educação Fundamental, Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRUST, J.R. A influência da afetividade no processo de aprendizagem de crianças nos anos iniciais do ensino fundamental. Londrina: Centro de Educação e Artes, 2009.

CARVALHO, R.S. O imperativo do afeto na educação: a ordem do discurso de pedagogas em formação. Educação e Pesquisa, 40 (1): 231-246, São Paulo, jan. / mar. 2014;

FERREIRA, A.L.; ACIOLY-RÉGINER, N.M. Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação. Educar, 36: 21-38, Curitiba, 2010.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo:

Paz e Terra, 2002.

GADOTTI, M. A escola e o professor: Paulo Freire e a paixão de ensinar. São Paulo:

Publisher Brasil., 2007.

GIL, A.C. Métodos e técnicas em pesquisa social. São Paulo: Atlas, 2007.

GOMES, C.A.V. O lugar do afetivo no desenvolvimento da criança: implicações educacionais.

Psicologia em Estudo, 18, (3): 509-518, Maringá, jul. / set. 2013.

JESUS, R.M.; LEMPKE, N.N.S. Manifestações emocionais das crianças na Educação Infantil. Synthesis, 6 (6): 309-325, Pará de Minas, dez. 2015.

LEITE, S.A.S. Afetividade nas práticas pedagógicas. Temas de Psicologia, 20 (2): 2-18, Ribeirão Preto, dez. 2012.

LIBÂNEO, J.C. Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 2006.

MONDIN, E.M.C. Interações afetivas na família e na pré-escola. Estudos de Psicologia, 10.

(1):133-138, 2005.

NUNES, V. O papel das emoções na educação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

PAIM, M.C.M. Desenvolvimento motor de crianças pré-escolares entre 5 e 6 anos. EF Deportes Revista Digital, 8 (58): 68-76, Buenos Aires (Argentina), mar. 2003.

ROSA NETO, F. Manual de avaliação motora. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

SARMENTO, N.R.G. Afetividade e Aprendizagem. Porto Alegre: UFRGS, 2010.

SARNOSKI, E.A. Afetividade no Processo de Ensino-Aprendizagem. Revista de Educação do Ideau, 9 (20): 1-16.jul. / dez. 2014.

SAVIANI, D. Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 2003.

SILVEIRA, C.A.S.; GOBBI, L.T.B.; CAETANO, M.J.D. Desenvolvimento motor de préescolares no intervalo de 13 meses. Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano, 7 (2): 53-65, 2005.

SOUZA, M.T.C.C. O desenvolvimento afetivo segundo Piaget. In: Arantes V.A. (org.).

Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 2003.

STEIN, L.C. Uma análise pragmática / desconstrutora da obra: Educação: a solução está no afeto - Ecos e efeitos desses dizeres no contexto educacional. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal de Uberlândia, 2007.

TASSONI, E.C.M. Afetividade na aprendizagem da leitura e da escrita: uma análise a partir da realidade escolar. Estudos e Pesquisas em Psicologia, 13 (2):1-18.2013.

TASSONI, E.C.M.; LEITE, S.A.L. Afetividade no ensino-aprendizagem: contribuições à teoria walloniana. Educação, 36 (2): 262-271, mai. / ago. 2013

VEIGA, L.; CASTELEINS, V.L. A contribuição do jogo para o desenvolvimento motor da criança na Educação Infantil, 2006. Disponível em: https://silo.tips/download/a-contribuiaodo-jogo-para-o--desenvolvimento-motor-da-criana-de-educacao-infantil. Acesso em 04 jan. 2022.